

Texto de apresentação da poesia de Macau

Ana Paula Dias, Phd

Território multiétnico desde a sua formação, Macau foi, desde cedo, um referente geográfico-cultural que serviu de pano de fundo para a produção de inúmeros textos ficcionais, históricos e etnográficos. Ninguém ficou indiferente ao apelo desta cidade de referências cruzadas onde o oriente e o ocidente, sem se fundirem nem perderem a identidade, se encontram e misturam. O romance, a novela, o conto e a poesia tendo Macau por pano de fundo são praticados, sobretudo a partir do século XX, por portugueses e macaenses a quem esta terra serviu de pretexto, de fonte inspiradora ou simplesmente de local de criação literária. São muitos os exemplos da intersecção da literatura portuguesa com Macau e de Macau com a literatura portuguesa: Camões, Bocage e Pessanha emergem recorrentemente em trajetórias dialogais percorridas nos dois sentidos - apesar de autónomas, as culturas presentes na região entrecruzam-se e numa e noutra assentam os poemas que veem sendo escritos ao longo dos séculos.

Talvez a presença literária portuguesa no Extremo-Oriente e a história literária do fascínio pela longínqua Macau remontem à passagem de Fernão Mendes Pinto pela cidade, em 1555. A sua carta, escrita em Macau a 20 de Novembro de 1555 e enviada ao Padre Baltasar Dias, Reitor da Companhia de Jesus em Goa, é o primeiro documento em português feito em Macau. Tal como em séculos passados, a poesia contemporânea escrita em língua portuguesa produzida em Macau ou intimamente interligada com a estadia de autores na região radica nas memórias individuais e coletivas de um património comum de vivências; nela emergem ecos do cruzamento civilizacional com que os poetas, portugueses ou de expressão poética em língua portuguesa, coabitam no quotidiano de Macau, perpassando nos seus poemas tradições, locais, paisagens, pessoas, palavras, sabores e sensações que são pertença desta geografia física, humana e cultural.

Nos diversos autores e na diversidade dos seus estilos poéticos, Macau, para além da exterioridade concreta do espaço, é o lugar escolhido para interrogarem a legibilidade do mundo, as permanências, as errâncias, as contingências e as transformações que a vida acarreta. Ao percorrerem espaços de diferença e de multiculturalidade, a poesia daqueles que vivem ou passaram pelo oriente mostra-nos que no processo de confronto com o outro e com a diferença, no embate com a exclusão ou com a aceitação da alteridade, o sujeito pode conhecer-se melhor. A aproximação a espaços tão intrincados e opacos leva em conta que a literatura é inseparável das complexidades culturais e, assim, o poeta identifica-se com outros contornos, sente o apelo de outra realidade e metamorfoseia a sua identidade em função dela.

Além disso, nesta poesia ressalta ainda que muitas vezes essa pulsão para a escrita constitui um processo de (re)descoberta do “eu”: para sobreviver à intensa pluralidade de signos da cidade é necessário fazer escolhas e no espaço de Macau, como lugar de muitas possibilidades e também de imposições, o impacto ou perturbação que o sujeito sofre no encontro ou no confronto com o outro leva frequentemente à revelação de um outro “eu”, a uma vontade de “ser com”. No avançar do sujeito por entre a opacidade de outros mundos, na amálgama de referências cruzadas e sobrepostas, a poesia surge como um espaço dialógico de encontro – e inventar, nos limites do representável, modos de trazer à superfície as particularidades dessa cultura multicultural é o desafio dos poetas de Macau.